

**JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO**

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

# Juventudes, sexualidade e diversidades

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira  
Thales do Amaral Santos





Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

**Série de Cadernos Temáticos**  
**“Juventude brasileira e educação”**

**Juventudes sexualidade e diversidade**

**Autores:**

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira  
Thales do Amaral Santos

**Organização:**

Álida Leal, Brésia Nonato,  
Lícinia Correa e Symaira Nonato

**Capa e projeto gráfico:**

Carol D’Alessandro

**Diagramação:**

Editora Fino Traço

**Cadernos da série**

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S163j

Nogueira, Paulo Henrique de Queiroz

Juventudes sexualidade e diversidade / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira,  
Thales do Amaral Santos. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

44 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8054-509-8

1. Educação. 2. Formação docente. 3. Jovens. 4. Sexualidade. 5. Diversidade.  
I. Santos, Thales do Amaral. II. Título.

2021-3650

CDD 370

CDU 37

Paulo Nogueira<sup>1</sup>

Thales Santos<sup>2</sup>

# Juventudes, Sexualidades e Diversidade

---

1. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira - Professor Associado da Faculdade de Educação da UFMG e do Mestrado Profissional em Educação/PROMESTRE.

2. Thales do Amaral Santos - Mestre em Educação pela UFMG, Professor da Rede Pública Estadual de Minas Gerais, produtor Cultural e pesquisador da área de Gênero e Sexualidade na Educação.



## **Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes<sup>3</sup>. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

---

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**



Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, είδος (eidos), “imagem, figura”, e ζκοπέω (scopeo), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem. Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

**Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!**

*Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato*

## Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.





### Iniciando o giro do caleidoscópio

Caro/a colega leitor/a,

As palavras Sexualidade, Identidade de Gênero e Diversidade Sexual têm sido utilizadas dentro de espaços educacionais com muito cuidado e receio nos últimos anos. Em alguns lugares busca-se, inclusive, proibir essas expressões em documentos oficiais ou mesmo impedi-las de serem ditas, fazendo com que pese sobre elas um pânico moral. Essas proibições, esses medos sobre o que essas palavras indicam querem nos cegar para uma realidade já presente em diversas esferas da vida pública e privada. Nos espaços educacionais não é diferente! A diversidade sexual e as diferentes vivências de gênero e sexualidades estão presentes em nossos ambientes o tempo todo, razão pela qual essa é a temática deste Caderno, com o qual esperamos contribuir para a melhor compreensão desse assunto, em uma perspectiva educativa.

## Juventudes, Sexualidades e Diversidade

As práticas de proibição dos debates sobre gênero e sexualidade nas salas de aula tentam fechar nossos olhos para o que já está “debaixo do nosso nariz”. A pergunta não seria se devemos ou não discutir sobre as sexualidades, mas, afinal, como trabalhamos com toda essa diversidade? **Como é feito o acolhimento à diversidade dentro do espaço educativo nos quais nós trabalhamos? Como educadoras/es discutem as maneiras de lidar com as pessoas que são percebidas ou se afirmam como diferentes?** Muitas vezes acreditamos que existe o respeito às diferenças nos espaços em que trabalhamos, mas podemos não perceber e identificar as vivências de preconceito.



### Outros ângulos, cores e formas

O Youtuber Vitor de Castro relata no vídeo “Ser gay na escola é foda” sobre as dificuldades de ser um estudante gay: <<https://youtu.be/QXhkBwDppHw>>. Vale a pena assistir e compartilhar com outras/os profissionais da sua escola. Acesso em 22 de Mai. de 2021.



De uma forma geral, existem mecanismos dentro dos espaços educacionais que cumprem a função de generificar os corpos, construir lógicas de reprodução das assimetrias entre homens e mulheres<sup>4</sup>. Esse processo é tão forte e naturalizado, visto como algo normal no cotidiano escolar, e cada pessoa que, de alguma forma, não cumpre a norma estabelecida para seu gênero, pode vir a ser punida<sup>5</sup>.

Uma menina que não apresenta o capricho com seu caderno, esperado pelas/os professoras/es, logo é comparada com um rapaz: “Isso nem está parecendo caderno de uma menina!”. Um aluno que foge do futebol e se aproxima do jogo de queimada, é logo taxado de “viado” ou bichinha. Não importa se ele sente desejo e atração sexual por outros homens, o fato dele não cumprir com as regras da masculinidade já é motivo para que ele seja punido e constrangido. Isso quando não é agredido fisicamente. Esses tipos de fatos trazem consequências para toda a vida.

O pesquisador Daniel Borrillo (2001) nos chama a atenção para o fato de que as violências que presenciamos nos espaços escolares, sejam elas verbais – injúrias, xingamentos, compara-

---

4. Essa discussão é de grande relevância para o nosso debate sobre sexualidades e diversidade e é apresentada com muito cuidado e aprofundamento no Caderno “Juventude e Relações de Gênero”, desta Série.

5. Para entender melhor sobre os processos de disciplina, indicamos a leitura do Caderno “Juventudes e indisciplina nas escolas”, desta Série.

ções – ou sejam elas não verbais – agressões físicas, normas diferentes para meninos e meninas – funcionam como reguladoras de gênero, ou seja, definem como cada gênero deve se comportar, inclusive organizando as vivências e expressões da sexualidade.

Esse processo não é exclusivo dos espaços educacionais, pois ocorre em diversos outros ambientes que crianças e jovens frequentam. É na escola, entretanto, que essa vivência ganha uma importância fundamental na vida das/os jovens. A instituição escolar é o primeiro espaço de socialização que frequentamos fora do ambiente familiar, uma das principais instituições em que temos a oportunidade de aprender os conhecimentos necessários à vida e à continuidade dos estudos e onde entramos em contato com valores que poderão divergir dos aprendidos na família.

Nessa perspectiva, a escola se apresenta como um lugar de aprendizagens e de descobertas, um ambiente seguro e adequado para a exploração de conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais necessários ao longo da vida. Mas, nas franjas dessas características que a organizam, a escola, tanto como uma instituição assentada em valores, quanto um espaço de convivência e expressão das subjetividades que ali se encontram, pode produzir e reproduzir padrões sexistas que compõem as violências de gênero e a intolerância para com a diversidade sexual.

Sendo assim, é importante usarmos “lentes de aumento” que nos permitam ver as contradições existentes nas escolas numa perspectiva das diversidades para entendermos, por um lado, como a escola é um espaço pouco tolerante para o diverso, ao normalizar e definir as condutas dos corpos, inferiorizando os que expressam uma sexualidade diferente da norma; e, por outro lado, como os ditos “anormais” re-existem às dificuldades e reinventam um lugar para si, mesmo à revelia das violências, pois, afinal, “Gente é pra brilhar!”, como canta Caetano Veloso em sua música *Gente*.

Assim, os espaços educacionais podem, devem ser e muitas vezes já são um espaço de acolhimento às diversidades, oferecendo oportunidades para que se descubram e percebam seu brilho. Este texto é um convite para que possamos ampliar essas experiências.



### **Outros ângulos, cores e formas**

Uma série excelente para se conhecer melhor sobre como pode ser saudável e importante os debates sobre gênero e sexualidade em sala de aula, assim como é possível a escola ser um espaço de acolhimento às

pessoas LGBTQIA+, é a Merlí. Vale a pena assistir à 1ª Temporada, que está disponível em alguns portais de séries na internet, como < <https://www.netflix.com/br/title/80134797>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

## **Algumas definições que conformam “nossas lentes de aumento”**

Se você desenvolve o seu trabalho como educadora/or com jovens, possivelmente já deve ter reparado que no início do ano existe a presença de uma ou mais pessoas trans na escola, mas, em um curto período, elas não mais frequentam a sala de aula, principalmente se são mulheres travestis ou trans. Os olhares, os comentários, as atitudes são motivos para que o estar na escola se torne insuportável, levando essas/es estudantes a abandonarem os estudos. Na verdade, o melhor não seria falar em abandono, mas assumir que a escola expulsa essas pessoas a partir do momento em que não estão preparadas para recebê-las com respeito e o devido acolhimento que merecem.

Antes de seguirmos com nossa reflexão, torna-se importante evidenciar alguns termos que já apresentamos e que estarão presentes em todo o texto. **Qual a diferença entre Identidade de Gênero e Sexualidade? O que significa a sigla LGBTQIA+?**

Em primeiro lugar, é preciso entender que somos nós, seres humanos, que criamos a necessidade de definir nossa existência

a partir de nomenclaturas, e, assim, estabelecer para si e para a/o outra/o uma identidade que diga quem se é. Uma das primeiras coisas a se definir sobre a vida de uma criança é se ali está um menino ou uma menina. É a partir dessa primeira aferição que podemos atribuir um nome ou cores e roupas para o enxoval. O costumeiro é averiguarmos se o feto em desenvolvimento possui uma vagina<sup>6</sup> ou um pênis, para, em seguida, definir como designamos o gênero que esteja associado a ele. É importante frisar que trata-se de um processo de nomeação estabelecido pela cultura em que o corpo é investido de certas compreensões simbólicas nas quais só é possível ser menino ou menina, por se entender que há apenas essas duas possibilidades.

A partir da presença da vagina associamos que a pessoa se desenvolverá como uma mulher, e por isso já definimos para ela um nome como Maria, Clara e Luísa, por exemplo. E desde o primeiro momento em que a família conhece o sexo biológico da criança, já se inicia o processo educacional sobre como deverá se comportar. De modo geral, o quarto é pintado de rosa, os bordados tomam formas de corações, flores e borboletas.

---

6. O uso do termo “vagina”, em contraposição ao “pênis”, justifica-se por ser dessa forma que recorrentemente os dois termos são antepostos para se referir a polarização entre masculino versus feminino. De um ponto vista científico, o certo seria falarmos de “vulva” por ser a denominação conferida à anatomia feminina externa, enquanto a “vagina” se refere ao canal interno.

Já para os meninos, a partir da presença do pênis, associa-se a um homem, e, conseqüentemente, atribui-se a ele um nome como João, Roberto e Fernando. O quarto é pintado de azul, os bordados tomam formas de carrinhos, super-heróis.

## BINARISMO DE GÊNERO



Fonte: Imagem desenvolvida pelos autores.

Essa divisão binária constitui uma norma em que só são possíveis essas duas possibilidades, não havendo espaço para outras expressões e identidades de gênero que não sejam pênis-homem e vagina-mulher.

Essas normas são tão persuasivas que para a sociedade é inadmissível ter um corpo que tenha um órgão diferente da estrutura do **pênis** e da **vagina**. Hoje sabemos que existem pessoas com essas características, sendo identificadas como **intersexuais**. A pesquisa de Anne Sterling (2000) nos mostra que aproximada-

mente 1,7% da população mundial nasce com características biológicas que desafiam a equipe médica em definir que designação de gênero dar a esse indivíduo. Mas durante muito tempo, a saída encontrada foi estabelecer se tratar de um ou outro e fazer uma intervenção cirúrgica para se constituir uma vagina ou um pênis. Hoje não mais se deve fazer esse tipo de procedimento sem a autorização e desejo da pessoa e, portanto, ela poderá vir a fazê-lo quando se sentir confortável.

Ainda, muitas pessoas que aparentemente estão conformes com um pênis ou uma vagina ao nascerem, podem, ao longo da vida, não se reconhecerem em relação ao gênero que lhes foram atribuídas. Algumas Luíças não gostam de serem vistas como mulheres ou alguns Pedros não gostam de ser reconhecidos como homens: não gostam das roupas, dos elementos associados a seus corpos e das atribuições e expectativas que essa norma de gênero informa que deveriam ser. Essas pessoas são conhecidas como **transgêneras**, ou pessoas **trans**. Trans é um termo em latim que em português significa “além de”, ou seja, são pessoas que se identificam com o gênero “além” daquele etiquetado ao nascer e durante a vida.

Se há pessoas **trans**, há também pessoas **cis**, essas são as pessoas que se identificam com o gênero ao qual foram rotuladas ao nascer, são conhecidas como **cisgêneras**. **Cis** é um termo do

latim, que traduzido para português significa “deste lado”. Você percebeu que até agora falamos do gênero de uma forma **binária**, ou seja, ou você é uma mulher, ou você é um homem, seja trans ou cis?

Mas ainda é preciso falar sobre as pessoas que não se identificam nem como homem, nem como mulher, ou não se reconhecem como tendo um único gênero, são as pessoas **não binárias**. Lembra-se quando falamos sobre a sociedade ser responsável por rotular os corpos? Imagine que você chegue em um país completamente novo, e que você ali não conhece as normas, não sabe quais as cores e objetos associados ao seu gênero. Como você irá agir? Antes que alguém indique para você o que é do universo feminino e do masculino, você se aproximará das coisas que mais achar interessantes. E por que não podemos agir sempre dessa forma? Por que violentar os desejos e impedir que um homem tenha prazer ao dançar ballet, ao desejar outro homem ou ao demonstrar afeto por seus amigos? As pessoas não binárias questionam essas normas e imposições, mostrando que toda a concepção de gênero não passa de uma construção que a própria sociedade elabora.

E por falar em desejos, a gente chega no momento de apresentar as **orientações sexuais**. Elas falam sobre como as pessoas se sentem atraídas sexualmente por outras, nos afetos, nas rela-



ções sexuais, nas paixões. Duas pessoas do mesmo gênero, sejam elas cis ou trans, que se sentem sexualmente atraídas, compõem o que chamamos das **homossexualidades**. Atentando mais uma vez para a etimologia da palavra, **homo** significa “mesmo ou igual”, ou seja, fala-se em uma pessoa homossexual quando ela se sente atraída sexualmente pela pessoa com o mesmo gênero que ela: duas mulheres, dois homens, uma mulher cis e uma mulher trans, um homem trans e um homem cis...

Já quando falamos de gêneros diferentes que se atraem, nos referimos às heterossexualidades, **hetero** significa “diferente”. Uma mulher trans e um homem trans, um homem cis e uma mulher trans, um homem cis e uma mulher cis... E ainda existem outras formas de atração, como as **bissexualidades**, em que o próprio nome já traz seu significado, como por exemplo, uma mulher que se sente atraída por homens e mulheres. Além dessas, existem outras formas de nomear os desejos sexuais, como pessoas **assexuais**, que não sentem atração sexual por outras pessoas, entre outras denominações.

A partir dos rótulos aqui apresentados, é possível perceber que a conformidade com o gênero a que foi designado (Cisgênero ou Transgênero), o sexo biológico (Vagina ou Pênis) e as orientações sexuais (Hetero, Homo, Bissexual e outras) são coisas diferentes, e que não necessariamente estão associadas umas

às outras. Um homem, cis e homossexual que sente atração por outro homem não deixa de ser homem por sua homossexualidade, assim como uma mulher que se sente atraída sexualmente por outra mulher não deixa de ser mulher por isso. Essas caixinhas e rótulos são referências para nos ajudar a compreender o debate sobre gêneros e sexualidades em que qualquer linearidade que queiramos estabelecer será apenas uma possibilidade.

E o que significa LGBTQIA+<sup>7</sup>? Agora fica muito mais fácil apresentarmos e compreendermos essa sigla. Ela representa a organização política da diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. As letras significam: **L**ésbicas, **G**ays, **B**issexuais, **T**ravestis e **T**ransgêneros, **Q**ueer, **I**nterssexuais, **A**ssexuais e o símbolo **+** representa todas as outras possibilidades nomeadas e conhecidas (demissexuais, pansexuais, intrassexuais...) ou que possam a vir a serem identificadas.

---

7. É possível que você veja a sigla LGBTQIA+ com outras letras e/ou representada de outras formas (LGBTQI+, LGBTQPIA+,...), mas é mais comum seu uso como LGBTQIA+, uma vez que assim foi definido dentro da última Conferência Nacional que tratou sobre o tema, a 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, em 2016.



### Outros ângulos, cores e formas

A Drag Queen Rita Von Hunty apresenta didaticamente a sigla LGBTQIA+ no vídeo, disponível no Youtube: **Rita em 5 minutos: LGBTQIA+**: < <https://www.youtube.com/watch?v=EREoc40JBr8>>. Acesso em: 22 mai. 2021.

A maior parte dos termos apresentados nessa sigla já foram comentados anteriormente, já os outros, merecem uma explicação: *queer* é uma palavra em inglês que significa “bizarro” e era usado como xingamento para as pessoas que divergiam das normas de gênero e, atualmente, é usado positivamente por pessoas que não querem se identificar com nenhuma das letras “L”, “G”, “B” e “T” e não significa necessariamente uma identidade de gênero, podendo também se referir uma expressão de gênero. Já os termos Drag Queen e Drag King, muito utilizado na área do entretenimento, referem-se às pessoas que “performam” um determinado gênero. No caso das Drag Queens, a pessoa se veste e se comporta da acordo com as expectativas que temos acerca de como as mulheres devem se comportar, e as Drag Kings, como se espera que aos homens se comportem.

Quantos termos! Quantos rótulos! Quanta coisa nova!

Sim, aprender sobre todos esses termos e sobre essas identidades é um processo, não se deve e nem é possível que a gente consiga em uma única aula, ou num único texto. Até porque estamos falando de situações que não são permanentes para as pessoas e para a sociedade. Ou seja, é possível que surjam novas formas de identidade de gênero, de expressar o gênero, novas formas de orientações sexuais. Principalmente quando trabalhamos com jovens, ainda em processo de construção de suas formas de estar no mundo, muitos caminhos são possíveis, e não nos cabe dizer sobre uma norma, ou uma forma normal de ser humano. As diferenças, ou comumente chamadas de diversidades, das sexualidades e das identidades de gênero só nos mostram o quão diverso é o ser humano e que a escola e a sociedade nas quais estejam, acolham todas essas possibilidades.



### **Outros ângulos, cores e formas**

O canal no Youtube Põe Na Roda disponibilizou o vídeo, *Menino ou Menina?*, que nos ajuda a compreender

os termos apresentados até então: <<https://www.youtube.com/watch?v=VEqHtKVaxx8&t=7s>>. Acesso em: 22 mai. 2021.

Vale destacar que quando falamos nas homossexualidades, heterossexualidades, bissexualidades e outras orientações sexuais, sempre as colocamos no plural. Isso ocorre para evidenciar que não existe uma única forma do desejo existir. É possível diferentes formas de expressão das nossas sexualidades. Um homem homossexual pode se relacionar com mulheres em alguns momentos de sua trajetória. Cabe a ele definir como este desejo está presente. Muitas vezes, nós como trabalhadoras/es da educação e estudantes buscamos rotular determinadas relações mesmo sem saber como as pessoas se posicionam, reproduzindo estereótipos e associando nossa compreensão a estigmas e violências. É preciso garantir o direito de todas/os a conhecer as diferentes possibilidades de ser e estar nesse mundo, principalmente em processos educacionais. É necessário também que estejamos em contato com textos, vídeos, artigos científicos, reportagens e outras fontes de informação para estarmos em constante capacitação sobre o tema de Juventudes, Sexualidades e Diversidade.



### **Outros ângulos, cores e formas**

Para estar constantemente se atualizando sobre a temática das Juventudes, Sexualidades e Diversidade indicamos a participação em grupos de discussão sobre a temática, nas redes sociais, como o grupo Estudos Queer Brasil, no Facebook.

## **Usando as “lentes de aumento” para olhar os espaços educacionais**

Agora que já conversamos sobre os principais conceitos relacionados às questões de identidades de gênero e sexualidades, vale a pena pensar sobre nossas práticas educacionais: de que forma elas podem criar ambientes que não reproduzam as desigualdades de gêneros e sexuais, e sejam espaços de respeito e acolhimento às diversidades?

Todas as pessoas, indiferente se LGBTQIA+, vivenciam violências simbólicas por não estarem “adequadas” às normas determinadas para os gêneros. Afinal, qualquer pessoa corre os riscos de se ver julgada frente a um fracasso ao não conseguir alcançar os méritos exigidos para ser reconhecido como homem ou mulher entre seus pares.

Tanto é assim que aqueles meninos que não apresentam as marcas da masculinidade, antes de se saber sobre sua identidade de gênero ou orientação sexual, já são chamados de *viadinho*, *bichinha*, de forma pejorativa. Ou seja, antes mesmo dele expressar um desejo não-heterossexual, esse jovem já receberá um rótulo simplesmente por não ser tão masculino como a norma impõe.

E isso se dá em todos os níveis da Educação Básica, sendo que na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, essas violências operam de maneiras mais silenciosas e veladas, assumindo um caráter de reforçar as masculinidades e feminilidades que se esperam das crianças. Quais os brinquedos são adequados a um e a outro? Qual a cor da mochila e o desenho que vem nela estampado: super-herói ou princesas da Disney?

Nos anos finais do Ensino Fundamental, 12 a 14 anos, que coincidem com a chegada da adolescência e o momento em que se consente as paqueras, o caráter de vigilância se acentua em uma perspectiva mais punitiva, intensificando-se durante o Ensino Médio.

Assim, as violências são constantes para as pessoas LGBTQIA+. Elas podem ocorrer por injúrias e xingamentos, como dissemos anteriormente, piadas, comentários jocosos sobre determinadas pessoas ou comportamentos e no uso de apelidos

depreciativos. Ou então por meio de pequenas ações interpretadas como brincadeiras por estudantes, como, por exemplo, esconder objetos delas (canetas, estojo, mochilas). E ainda, com ações de exclusão e distanciamento, como estudantes que não querem fazer atividades em grupos com determinadas pessoas, ou que as interditam em suas rodas de conversa e/ou brincadeiras.

Outra forma de violência muito presente se dá pela invisibilidade ou silenciamento das identidades LGBTQIA+ nos espaços educacionais. São poucos os momentos em que se fala nessas identidades, não existe uma data específica para dialogar sobre a temática, assim como existe pouca representatividade e presença desses temas nos livros didáticos, ou até mesmo nos livros oferecidos pela biblioteca, demonstrando uma tentativa de omitir e silenciar todas essas pessoas que ali estão presentes.

Em relação às pessoas trans, além das violências apresentadas até então, elas ainda lutam por direitos básicos, como por exemplo, utilizar nos documentos formais o nome com o qual deseja ser chamadas. Como o processo de transição para o gênero com o qual a pessoa se identifica ocorre depois que foi feito seu registro na certidão de nascimento, sua matrícula na escola ainda apresenta o nome registrado, e não o nome com o qual a pessoa se identifica.



Para uma pessoa trans, é muito importante que o seu nome seja respeitado e utilizado, principalmente em situações públicas, como a lista de presença das aulas, ou a chamada em voz alta, feita por muitas professoras/es. É inclusive um direito conquistado a partir da Resolução Nº 1, de 19 de janeiro de 2018, em que no artigo 2º garante o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica (BRASIL, 2018). Contudo, apesar de ser um direito, muitas/os docentes e instituições ainda se recusam a garanti-lo<sup>8</sup>.

Outra violência muito presente nas vivências das pessoas travestis e trans é o uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero com a qual se identificam. Em diversos espaços educacionais, mulheres trans têm o seu direito negado e não podem utilizar o banheiro feminino. Ou, muitas vezes, a aluna trans é convidada a utilizar um banheiro específico ou o banheiro de funcionárias/os. Essa atitude visa apenas contornar a situação e ainda não garante que a pessoa trans seja respeitada de acordo com seu gênero. E mais, você já parou para refletir o quão desumanizador

---

8. No Brasil, desde março de 2018, o Supremo Tribunal Federal, legalizou a alteração do nome social na certidão de nascimento e, posteriormente, em outros documentos civis. Esse processo pode ser feito em cartório sem a necessidade de pareceres médicos ou encaminhamentos jurídicos, mas exige que a pessoa seja maior de idade. Para menores de idade, exige-se uma decisão judicial. Nesse sentido, adolescentes trans dependerão de decisões das/os gestoras/es do sistema de educação que permitam o uso do nome social nos documentos escolares.

é coibir uma pessoa de utilizar o banheiro com o qual se identifica? Estamos falando de uma necessidade básica, frente a qual a pessoa não pode se sentir à vontade. É comum ouvir relatos de pessoas trans que durante seus anos de estudo nunca utilizaram o banheiro da escola, condicionaram-se a fazer suas necessidades antes e/ou depois do horário de aulas.

Essas e outras situações do cotidiano acabam tornando o espaço escolar um ambiente de muitas violências e traumas, sendo o abandono da educação o único caminho possível. De acordo com a Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (RedeTrans), 82% das mulheres trans evadiram do Ensino Médio entre os 14 e os 18 anos, em 2018 (REDETRANS, 2019).



Fonte: Por que sua marca deveria saber o que a comunidade LGBTQIA+ espera dela. Maria Helena Marinho, Paula Englert <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/futuro-do-marketing/gestao-e-cultura-organizacional/diversidade-e-inclusao/por-que-sua-marca-deveria-saber-o-que-comunidade-lgbtqia-espera-dela/>>.

Acesso em: 29 abr. 2022.

Em uma pesquisa recente desenvolvida pela Google, destacou-se que as pessoas LGBTQIA+ enfrentam o que chamou-se de Ciclo de Exclusão (MARINHO e ENGLERT, 2019). A falta do apoio familiar, seguida da falta do apoio da escola acaba levando a uma maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho. A falta de acolhimento nos primeiros anos de vida e a sequência de exclusões podem privar a pessoa de vários outros direitos, em um efeito dominó, como a saúde, a representatividade política, gerando assim maiores vivências de violência e vulnerabilidades. Bruna Benevides e Sayonara Nogueira (2020) nos mostram que o Brasil é o país que mais mata travestis e pessoas trans em todo o mundo. Só em 2019 foram 124 assassinatos. Ele ainda supera a soma dos dois países seguintes: México com 65 mortes e Estados Unidos, com 31 mortes.

Esse ciclo de exclusões nos mostra que a escola pode ser um espaço importante para que essa sequência de violências e vulnerabilidades cesse. Espaços educacionais não só podem se tornar um espaço de acolhimento, como muitas vezes já cumprem essa função. Em algumas famílias não existe a possibilidade das pessoas LGBTQIA+ poderem ser quem são. Assim, elas precisam forjar outras identidades para que sejam aceitas, crescendo sem nenhuma referência positiva que as possam auxiliar no seu autoconhecimento. Ao chegar em uma instituição educativa, essa

criança ou jovem tem a possibilidade de conhecer melhor sobre si e seu processo de identificação, pode vir a perceber que existem outras perspectivas, e que é possível viver e ser feliz, mesmo que sua família não consiga entender tais dimensões da sexualidade.

É necessário que cada educadora/or seja defensora/or de um processo educativo plural, diverso, laico e universal, em que todas as pessoas sejam vistas em suas singularidades. Esse posicionamento exige, muitas vezes, persistência, estratégia e dedicação para mudar as práticas e o cotidiano de uma instituição<sup>9</sup>.

É preciso sempre lembrar, antes de tudo, que o espaço **escolar** é público. Não assegurar que determinados corpos frequentem esse espaço com a garantia mínima de sua permanência, com respeito e dignidade, é a negação de um direito a que todas as pessoas devem ter acesso, indiferente de qualquer situação. Além disso, quando a escola não respeita as pessoas LGBTQIA+, ela reproduz e corrobora com o que já falamos anteriormente, uma sequência de violências e desigualdades que torna a vida dessa pessoa cada vez mais difícil e vulnerável.

Tente imaginar o quão libertador seria para uma pessoa LGBTQIA+ que cresceu ouvindo sobre seu desejo e sua identidade serem associados a uma doença, mas, ao chegar em um ambien-

---

9. Indicamos a leitura do Caderno “Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo”, desta Série.

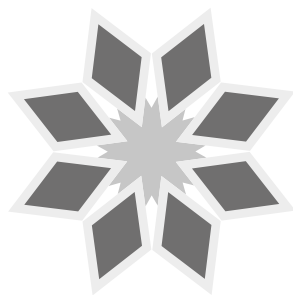
te educativo, tem a possibilidade de perceber que é apenas uma variação de comportamentos humanos. E que ela poderá inclusive encontrar outras pessoas que estão passando pela mesma experiência. Essa seria uma verdadeira vivência educativa e cidadã proporcionada pela escola!!!

Você deve estar pensando: sim, é importante espaços educacionais trilharem caminhos positivos para as pessoas LGBTQIA+, mas como fazer? Durante toda a minha trajetória o que eu aprendi, o que me ensinaram a pensar foi o contrário! **E agora?**

Calma, não existe um único caminho, não existe uma sequência de passos que devam ser seguidos. O desejo em mudar já é muito importante para o começo e para que o aprendizado aconteça durante o processo, no dia a dia de nossa convivência junto às pessoas que trazem para dentro da escola essas questões. Uma intervenção em sala de aula, quando um estudante violenta outro, regulando o gênero, por exemplo, além de ser fundamental para garantir o clima de respeito, seria uma ótima oportunidade para trazer o debate sobre gênero e sexualidade.

Pergunte a uma aluna trans, por exemplo, como ela gostaria de ser chamada. Pense junto com ela sobre como conscientizar a escola sobre a importância em respeitar o nome e o uso do banheiro pelas pessoas Trans. Pergunte sobre qual banheiro essa pessoa gostaria de utilizar. Se ela responder *Não Sei*, procure informações

com os movimentos sociais, ONGs ou outras pessoas que tenham mais acesso ao assunto. Costuma-se dizer que quando uma pessoa trans inicia seu processo de transição, a família, a escola, a sociedade transicionam juntos. Todas as pessoas aprendem. Assim como quando uma jovem decide se posicionar como lésbica, ou “sair do armário”, como comumente se diz, sua família, sua escola também saem do armário e aprendem durante o processo como lidar com a situação.

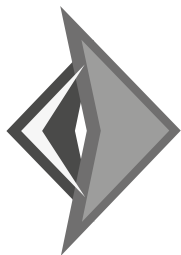


### **Juntando imagens e reflexos**

As juventudes reivindicam o tempo todo que a Educação abra o debate sobre sexualidade. Basta reparar na quantidade de pênis desenhados por toda a escola, nas carteiras, paredes e, principalmente, nas portas dos banheiros. Repare também nas perguntas feitas às/aos professoras/es sobre seus relacionamentos, nos comentários, nas brincadeiras, inclusive nas violências. Todas

essas situações nos mostram quanto é urgente para as juventudes dialogar e aprender sobre suas vivências.

E pensar, conversar e aprender sobre identidades de gênero, sexualidades e diversidade pode transformar os espaços educacionais para acolherem toda e qualquer diferença. Sejam elas juventudes negras, indígenas, faveladas, LGBTQIA+, e muitas outras. Todo esse processo fará os tempos e espaços educativos muito mais potentes, auxiliando-os a cumprirem sua responsabilidade e principal objetivo: educar!



## **Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir**

Você gostou das reflexões que apresentamos neste Caderno? Se você teve dificuldades de assimilar todos os conceitos e debates, não se preocupe. Aos poucos você dominará o debate e a melhor forma de tratar o tema nos espaços em que você vive. É preciso seguir com as leituras, assistir a vídeos e, inclusive, conversar com estudantes LGBTQIA+, afinal, aprendemos muito com elas/es sobre essa temática. O nosso convite segue exatamente esse caminho de dialogar com as juventudes e estimulá-las a ocuparem um novo espaço dentro da escola e dos ambientes educacionais. Aqui vão algumas dicas: Em um primeiro momento, é preciso sensibilizar as/os participantes sobre a importância do tema. Sugerimos, uma roda de conversa sobre o curta “Eu Não Quero Voltar Sozinho”, disponível no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbl&t=34s>) acesso em: 20 mar. 2022.. O ideal é que o debate ocorra de forma espontânea, com intervenções da/o educadora/or quando necessário. Risos, piadas e brincadei-



ras podem acontecer e demonstrar o nervosismo e dificuldade em abordar o tema das/os estudantes. Ao invés de reprimir, aproveite esses momentos para alimentar a discussão — cuidando sempre para não expor nenhuma/um estudante.

Em um segundo momento, é ainda possível mostrar para estudantes o quão importante é conhecer a diversidade, inclusive a sigla LGBTQIA+ para afastar possíveis manifestações preconceituosas. Sugira a construção de um dicionário sobre as diferentes identidades de gênero, sexualidades e outras expressões associadas ao tema, na própria linguagem das/os jovens. Estudantes podem trabalhar em grupos. Muitos termos podem ser encontrados no *Dicionário de Gêneros - Só quem sente pode definir* no canal do AfroReggae, no Youtube.

Um material importante e que pode te auxiliar nesse trabalho é, também, o texto *Dicionário Juventude e Sexualidade*, organizado por Cristiana Valença e Keila Carvalho.

Bom trabalho!

## Referências

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiros em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Diário Oficial. BRASIL. DECRETO Nº 1, DE 19 DE JANEIRO DE 2018. Define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares, Brasília, DF, jan. 2018. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=72921-pcp014-17-pdf&category\\_slug=setembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=72921-pcp014-17-pdf&category_slug=setembro-2017-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. DOU, 23/12/96.

MARINHO, Maria Helena, ENGLERT, Paula. **Por que sua marca deveria saber o que a comunidade LGBTQIA+ espera dela**. Think With Google. Publicado em Outubro de 2019.

REDETRANS. Dia do Trabalhador: Rede Trans **Brasil traz ação para empregar pessoas trans**. 2019. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org.br/2021/05/01/dia-do-trabalhador-rede-trans-brasil-traz-acao-para-empregar-pessoas-trans/#more-1913>>. Acesso em: 22 mai. 2021.

VALENÇA, Cristiana Rosa & CARVALHO, Keila Lúcio de. **Dicionário Juventude e Sexualidade**: de Jovem para Jovem. Projeto de Extensão Sexualidade, Gênero e Diversidades na Juventude. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <<http://www>>.

[cefet-rj.br/attachments/article/5257/Dicion%C3%A1rio%20juventude%20e%20sexualidade%20cefet%202019.pdf](http://cefet-rj.br/attachments/article/5257/Dicion%C3%A1rio%20juventude%20e%20sexualidade%20cefet%202019.pdf).

Acesso em: 14 out. 2020.











OBSERVATÓRIO DA  
JUVENTUDE DA UFMG

FaE  
*Faculdade de Educação*

UF *m* G

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS